

África: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 12-13 (1): 137-148, 1989-1990.

O MOVIMENTO ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA: O CASO *MAYOMBE*

Maria Aparecida Baccega *

RESUMO: A autora, preocupada com as relações de produção literária com a história, analisa a obra de Pepetela (escritor angolano): *Mayombe*, levando em conta o papel do intelectual como expressão e transformador da própria cultura. "Reconstrói, reelabora esse mundo, reelaborando e reconstruindo a linguagem".

UNITERMOS: Angola, Literatura angolana, Literatura e História.

"Eduardo Galeano habla de un hombre que lleva a su hijo al mar para que lo conozca y de como la inmensa massa azul se le va revelando poco a poco. Desde lejos, la huele; luego, la escucha, y cuando al fin se despliega grandiosa ante él siente que no podrá abarcala toda con sus ojos y pide al padre que lo ayude a mirar. 'Ese es el papel de la cultura, dice Eduardo Galeano. La cultura que vale la pena es la que ayuda a mirar. Una obra puede ser perfecta, pero no sirve para nada si no hace que quien la disfrute pueda ver-se, si no ayuda a descubrir-se".

"Eduardo Galeano: al rescate de la memoria secuestrada". Cuba Internacional, nº 217/218. Enero/febrero de 1988. p. 39. La Habana, Año XX, Dirección Nacional de Correos, Telégrafos y Prensa.

A História tida como simples exposição de fatos do passado parece-nos conceito construído que preencheu a nossa formação e/ou preenche a formação de nossos jovens.

* Escola de Comunicações e Artes — Universidade de São Paulo

A História, entendemos nós, deve ser estudada a partir das relações entre a situação dada e a ação, entre as intenções e os resultados das ações humanas, entre a consciência social e o ser social, tendo como preocupação as leis mais gerais do desenvolvimento da sociedade e de suas forças motrizes.

E estudamos a História não para copiar soluções de problemas vividos e superados pelos nossos antepassados, mas para conhecermos os valores e ideais pelos quais os homens lutaram, ainda que tais valores possam ser totalmente opostos aos nossos.

É esse conhecimento da História que nos dá consciência de fazermos parte de um todo, o qual é um processo em constante elaboração, a que damos continuidade tal qual os que virão depois de nós. É a consciência histórica, portanto, que nos possibilita superar a visão egocêntrica. Como lembra Goldmann¹:

"Segue-se daí que o objeto das ciências históricas é constituído *pelas ações humanas de todos os lugares e de todos os tempos*, na medida em que tiveram ou ainda têm importância ou influência *na existência ou na estrutura de um grupo humano e, implicitamente, por meio deles, uma importância ou uma influência na existência e na estrutura da comunidade humana presente ou futura*".

E a Literatura?

A Literatura, como rol de romances, como escrita "bonita", é evidentemente conceito que se revela insubsistente, mas que vem à cabeça de muitas pessoas num processo primeiro de associação.

Seu estudo tem se dado ou através das biografias dos autores, entendendo-se biografia como um elenco de fatos e datas, ou como "história da literatura", também compreendida como um mero rol de datas de publicações de obras. Quanto à trama do romance, ela cabe numa "Quadrilha: João amava Teresa, que amava Raimundo, etc". Sem outra leitura.

Também se coloca como necessário saber de cor os nomes das personagens principais ou, num rasgo de sofisticação estrutural, o conhecimento das técnicas de composição e dos procedimentos narrativos utilizados pelo autor. E basta.

(1) GOLDMAN, Lucien. *Ciências humanas e filosofia*. São Paulo, Difel, 1974. p. 23.

Melhor seria, a nosso ver, que se relacionasse incontinentemente Literatura e Arte. E para conceituar arte vejamos o que diz Karel Kosik²:

"Na grande arte a realidade se revela ao homem. A arte, no verdadeiro sentido da palavra, é ao mesmo tempo desmistificadora e revolucionária, pois conduz o homem das representações e pré-juízos sobre a realidade à realidade mesma e à sua verdade. Tanto na arte autêntica como na autêntica filosofia se revela a verdade da história: a humanidade é colocada ante a sua própria realidade".

A PALAVRA NA LITERATURA E NA HISTÓRIA

Literatura e História, portanto, se aproximam e a primeira aproximação, a mais evidente, se dá pela linguagem verbal.

Finalmente, o historiador não parte dos acontecimentos, como lembra Schaff³, mas dos

"materiais históricos, das fontes, no sentido mais extenso do termo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos fatos históricos. Constrói-os na medida em que seleciona os materiais disponíveis em função de um certo critério de valor, como na medida em que os articula, conferindo-lhes a forma de acontecimentos históricos. Assim, a despeito das aparências e das convicções correntes, os fatos históricos não são um ponto de partida, mas um fim, um resultado".

Também a produção literária, como sabemos, relaciona-se com a linguagem e, através dela, relaciona-se com todas as outras utilizações da linguagem na sociedade. Trabalha com a palavra como matéria-prima. Utiliza-se, portanto, de um signo social, que é manifestação da ideologia. "Tudo que é ideológico, é um signo. Sem signo não existe ideologia"⁴.

(2) KOSIK, Karel. "El arte y el equivalente social". In: VASQUEZ, A.S. (org.) *Estética y marxismo*. Tomo I. México, Era, 1978. p. 300.

(3) SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo, Martins Fontes, 1978. p. 307.

(4) BAKHTIN, Mikail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1979, p. 17.

Além disso, a palavra é também prática social solidificada. Desse modo, através dela, a produção literária relaciona-se com a história da formação social daquele grupo. E, como lembra Macherey, é por isso que a produção literária não pode ser estudada como uma totalidade auto-suficiente. É claro que a produção literária é *relativamente autônoma*, uma vez que ela possui uma verdade que lhe é própria, contém essa verdade, fixa suas próprias normas, mas não é independente. Se por um lado a produção literária determina suas próprias regras, por outro não é em si mesma que ela encontra os meios de elaborar essas regras, já que, como vimos, está assentada na palavra e, através dela, na formação social que lhe deu origem. Mal comparando, assim como uma tribo australiana não teria em sua linguagem um nível de abstração e generalização suficiente para desenvolver a teoria de Einstein bem como não se colocaria problemas cuja solução dependesse dessa teoria, assim também a produção literária, se vista como descolada da realidade, "seria ilegível e mesmo invisível", ou em outras palavras, "ninguém compreenderia a razão de sua aparição"⁵.

O ESCRITOR E O HISTORIADOR

Ainda mais: a Literatura liga-se à realidade concreta e objetiva através da existência do próprio escritor.

Não se pense que estamos defendendo nenhuma teoria simplista do reflexo, até porque todos sabemos que o próprio signo, ao refletir, refrata a realidade. O que queremos dizer é que a visão de mundo de qualquer pessoa não é construída apenas individualmente, como lembra Janete Wolff⁶, mas constitui também a mediação pessoal de uma consciência grupal. Ou seja, todo homem é situado e datado. Atua como sujeito-objeto da História, e tem na linguagem a mediação entre o que é social e está dado, e o que é inovador. Ou, como lembra Goldmann⁷:

"A relação entre o pensamento coletivo e as grandes realizações individuais literárias, filosóficas, teológicas, etc. não reside numa identidade de conteúdo, e sim numa coerência mais apurada e numa homologia de estruturas, a qual pode exprimir-se pelos conteúdos imaginários extremamente diferentes do conteúdo real da consciência coletiva".

Isso porque a língua tem dois níveis de mediação: primeiramente, a que se estabelece entre o homem, considerado indivíduo social, e a realidade objetiva que ele já encontra classificada e nomeada; a segunda, que se estabelece entre este nível de mediação e o ser criador, inovador, ou seja, aquele indivíduo social que, utilizando-se da mediação já cristalizada, elaborará novas mediações.

Ora, assim como na base da produção literária está o escritor, na base da elaboração dos fatos históricos está também o historiador, o pesquisador, homem como outro qualquer, que pensa numa língua dada, cujas categorias lhe foram introjetadas através da educação, que é um processo social. Possui uma visão de mundo socialmente condicionada pela sua realidade histórica concreta: faz parte de uma nação, de uma classe social. Seu conhecimento sofre, portanto, necessariamente, um condicionamento de classe. Desse modo, a verdade desse conhecimento é relativa e não absoluta, objetiva e não subjetiva.

Em outras palavras: o estudo da História realizado pela maioria se dá através de documentos secundários, onde está privilegiada a ideologia do autor, que os articula, construindo, do seu ponto de vista, os fatos históricos.

Já a Literatura, em geral, nos mostra o cotidiano. Pela emoção revive a História, fazendo com que o processo histórico fique mais claro para o leitor. Permite ao leitor colocar-se como participante.

Ainda que ambos, historiador e ficcionista, estejam marcados pela ideologia, o produto de sua elaboração se distingue: o primeiro elabora o conhecimento científico e o segundo produz arte;

Segundo Terry Eagleton⁸,

"a diferença entre a ciência e a arte não consiste em tratarem objetos diferentes, mas sim em tratarem o mesmo objeto de diferentes maneiras. A ciência dá-nos um conhecimento conceptual de uma situação; a arte

55. (5) MACHEREY, Pierre. *Para uma teoria da produção literária*. Lisboa, Estampa, 1971. p.

(6) WOLFF, Janete. *A produção social da arte*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p. 134.

(7) GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do romance*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967. p. 19.

(8) EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Porto, Afrontamento, 1978. p. 32.

dá-nos a *experiência* dessa situação, o que é equivalente à ideologia. Mas, ao fazê-lo, permite-nos 'ver' a natureza dessa ideologia e começa, assim, a conduzir-nos na direção plena da ideologia, que é o conhecimento científico".

A ciência procura dar conta da totalidade extensiva da vida, isto é, a ciência procura conhecer todos os fenômenos existentes. Uma descoberta científica fica ultrapassada por outro conhecimento científico. Já a arte se preocupa com uma totalidade intensiva. A arte recorta a realidade e produz um mundo próprio, que se basta a si mesmo. A obra de arte constrói o seu mundo. Outro artista constrói outra obra de arte que não nega a anterior, diferentemente da ciência.

Tanto a arte como a ciência trabalham a realidade objetiva: mas a arte retira dessa realidade as características que estão presentes nela e que são capazes de apontar o futuro. Já a ciência parte da realidade concreta dos fenômenos singulares para as mais altas abstrações, elaborando leis gerais, que, como já dissemos, se modificam ao longo do tempo.

UNIDADE ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA

Nossa preocupação está voltada para um determinado tipo de romance, onde se estabelecem com maior clareza as relações Ficção e História. A esse romance chamaremos "romance histórico", numa acepção que procuraremos esclarecer.

A primeira preocupação é descartar as posições positivistas, base do naturalismo, quando se passou a encarar a produção literária como demonstração "prática" das teorias científicas. Naquele momento se dizia que a preocupação fundamental da Literatura era relatar os fatos como eles *realmente ocorreram*. Como se isso fosse possível.

Estamos querendo tratar de um romance que, como lembra Maria Teresa de Freitas⁹, "deixa de ser apenas um retrato de época ou crônica social, para se

(9) FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História*. São Paulo, Atual, 1986. p. 4.

tornar *ação*: o seu objetivo não é *distrair* o público mas sim *agir* sobre os indivíduos".

Nesse tipo de romance a Literatura e a História mantêm pelo menos dois tipos de relação: uma, quando o autor situa e data os fatos, procurando estabelecer uma relação direta com o referente extratextual histórico, induzindo o leitor a reconstruir aquele determinado fato histórico. A produção literária vai desmontá-lo, dando-lhe conotações pertinentes à estrutura do romance e levando o leitor, seduzido, a vivê-lo daquele modo; outra, quando não se estabelece essa relação direta e os acontecimentos históricos compõem-se aos nossos olhos, sem localização determinada, sem data específica. Nesse último caso, o romancista extrai dos fatos históricos os valores mais universais, permitindo, desse modo, um outro tipo de reflexão por parte do leitor: reflexões mais imediatamente relacionadas ao processo histórico, no que ele tem de mudanças e permanências.

Por exemplo, o romance poderá tratar da greve geral do dia 20 de agosto de 1987, no Brasil, situando e datando o acontecimento. Ou poderá falar de uma greve geral, extraindo do fato as conotações históricas e, pelos indícios, o leitor perceberá que pode se tratar da greve geral do dia 20 de agosto.

Muitas vezes, mesmo nesse segundo caso, o autor utiliza-se de documentos históricos, inseridos no romance, e que permitem ao leitor, se quiser, identificar claramente o acontecimento. Mas essa identificação clara do acontecimento por parte do leitor não é, em qualquer dos casos, fundamental para a avaliação literária da obra.

Veza há em que, para situar aquele corte do processo histórico aludido na obra, o autor remete a acontecimentos do passado cuja referência se faz necessária. Ou ainda: deixa entrever a projeção do futuro, manifestando de modo claro o processo histórico. É o que acontece, por exemplo, em *Mayombe*¹⁰, de Pepetela, romance polifônico, onde as referências ao passado e as projeções do futuro têm sempre a carga das personagens-sujeito.

Esse romance trata do cotidiano de uma Base Guerrilheira, durante as lutas de libertação de Angola. Cada membro da Base tem origem étnica diferente e mantém sua individualidade.

Temos, portanto, personagens das mais diversas origens: o que conta, porém, é o projeto comum de vencer o colonialismo. Mesmo a manifestação da

(10) PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa, Edições 70, 1980.

execução desse projeto - a tática - vai diferir. E diferem também os pontos de vista a respeito de como será a nação libertada.

Nesse sentido, trata-se de um romance em que a História está sendo construída aos nossos olhos, através de personagens típicas, não como jogo de forças meramente individuais, mas como construção de todos os homens, respeitadas as suas diferenças. Diríamos até que o tema do romance é a própria construção da História, tendo os homens como sujeito-objeto dela.

A realidade histórica não é uma, são várias, visto que sua interpretação (além de sua elaboração) está relacionada sobretudo à classe social do indivíduo, a qual influi na sua percepção, em função dos estereótipos. Em *Mayombe*, a realidade da histórica é apresentada ao leitor através dos filtros, das mediações das personagens típicas, o que permite que o leitor efetivamente acompanhe a interpretação do já vivido e a elaboração do futuro.

Toda essa gama de realidades históricas é trabalhada a partir do ponto de vista do escritor que, como já dissemos, tem uma complexidade de valores que lhe foram passados pela língua, no processo social de educação. Mas o escritor não é o mero narrador da História. Ele como que "liberta-se" da História, transformando-a em matéria artística.

INTERRELAÇÕES ENTRE FICÇÃO E HISTÓRIA

O que se alega para distinguir os discursos da História e da Ficção é que a História se serve do discurso dissertativo e a Ficção do discurso narrativo. Ora, quantas vezes não se tem o discurso dissertativo também na produção literária e vice-versa?

Outras vezes se diz que o discurso narrativo é ambíguo e o da História não pode sê-lo. Consideramos que, relacionando a História e a Ficção através da palavra, tal afirmação não pode ser considerada tão categórica. A ambigüidade, maior ou menor, estará presente nos dois discursos, já que ambos são construídos com palavras que refletem e refratam a realidade. E que tal refração, nesse caso, ocorre já no segundo nível de mediação da palavra.

Entendemos que a História vai se utilizar predominantemente do discurso dissertativo e que a Ficção concretiza a História através de uma construção figurativizada. Se, porém, nos utilizarmos dos temas para tais relações, poderemos evidenciar que a enunciação é a mesma. Haverá mudanças no enunciado. Podemos, para exemplificar, tomar um tema como o congraçamento

harmonioso das raças, uma das ficções de nosso país¹¹. Gilberto Freire constrói, a respeito, um determinado tipo de discurso temático. Já numa telenovela tem-se uma negra que se casa com um branco, preferencialmente, ou, mais raramente, um negro que se casa com uma branca. A enunciação é a mesma, porém o tema imanente é manifestado diferentemente no plano da expressão.

Nesse sentido, poderíamos falar das *mudanças e permanências*, ou seja, os grandes temas recorrentes da História - como poder, dominador/dominado, família, religião, resistência, etc - ao nível da enunciação, que se manifestam de maneira diferente no plano da expressão, de acordo com as variáveis históricas e que estão presentes tanto na História como na Ficção.

O que temos, então, é que a Ficção concretiza a História através da figurativização a partir de personagens que ganham vida dentro da própria obra. São personagens que apresentam seus próprios filtros, numa construção que manifesta também as mediações do escritor.

Logo, as informações sobre as personagens em geral se completam com referências históricas, que o leitor poderá buscar ou não.

Antônio Cândido¹² lembra que "a compreensão da obra não prescindia a consideração dos elementos inicialmente não literários. O texto não os anula, ao transfigurá-los, e sendo um resultado, só pode ganhar pelo conhecimento da realidade que serviu de base à sua realidade própria" e

"embora concentrando o trabalho na leitura do texto e utilizando tudo mais como auxílio de interpretação, não penso que esta se limite a indicar a ordenação das partes, o ritmo da composição, as constantes de estilo, as imagens, fontes, influências. Consiste nisso e mais, em analisar a visão que a obra exprime do homem, a posição em face dos temas, através dos quais se manifestam o espírito ou a sociedade".

Buscar as referências históricas aprofundam o conhecimento do romance. Insistimos, porém, que não buscá-las não deve implicar a diminuição do valor literário da obra. Afinal, toda produção literária pode ter muitas leituras.

(11) SAVIOLI, Francisco Roberto. Seminários internos dos professores de Língua Portuguesa. USP, Departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicações e Artes, 1987.

(12) CÂNDIDO, Antônio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. São Paulo, Martins, s.d. p. 35.

A HISTÓRIA NA FICÇÃO

Qualquer que seja o caminho trilhado pelo autor só há um modo de se manifestarem literariamente as referências históricas: na medida em que elas se incorporam à própria estrutura narrativa, ainda que como indícios que podem se completar com leituras propriamente históricas.

Este o caminho. Estamos manifestando claramente que consideramos a escrita do romance como uma tomada de posição do autor diante do real. Dando forma ao real, do qual ele consegue apreender os elementos mais característicos, mais típicos, no sentido dos elementos que apontam para o universal, o escritor vai pôr ordem no aparente caos da realidade, fazendo emergir os processos históricos que motivaram esse "caos".

Em *Mayombe*, por exemplo, as personagens compõe seus passados. E nessa composição se estabelecem as motivações de suas presenças na Base Guerrilheira. São passados distintos, dadas as origens distintas. Fica claro, portanto, que a construção do processo histórico, no sentido da busca do universal, une, mas não iguala as pessoas nem as torna superiores ou inferiores e suas diferenças continuam (e devem continuar), não como marcas impossíveis de formarem uma interseção mas como elementos de uma pluralidade cultural que deverá caracterizar esse mundo de homens livres.

Cada personagem típica encarna um dos setores da população que participam do processo revolucionário. São indivíduos sociais, autônomos mas não independentes, com suas angústias, seus projetos pessoais bem sucedidos ou fracassados.

É tão importante nessa produção literária a motivação de cada um que, romance polifônico, cada personagem-sujeito tem voz para manifestar-se. Desse modo, "vê-se" a História como construção de todos, onde cada um preserva sua individualidade social. O romance dá conta desse fato através de um processo narrativo que põe em cena também as forças que procuraram deter o processo histórico com o uso de extrema violência: os colonialistas portugueses e seus aliados, os europeus da OTAN.

Ao lado disso, a referência à situação de opressão e miserabilidade em que vivia a população de Angola, possibilita perceber-se a História não como pano de fundo do romance, mas como elemento que o compõe, não como real transposto, mas como transfiguração desse real de acordo com as normas da

ficção, ou, em outras palavras, a História compõe a *realidade estética* da obra literária.

Agora, se buscarmos as referências históricas, perceberemos que *Mayombe* reconta a história de Angola, a partir da visão libertadora do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Nessa obra estão presentes, como motivos ficcionais, as grandes questões que caracterizam aquele momento do processo histórico, como o tribalismo, a identidade nacional, a cultura, educação e escolarização, o partido, a relação teoria-prática, o papel do intelectual, a questão da violência, etc.

LITERATURA: ARTE E HISTÓRIA

A arte é um fazer, uma construção, que ocorre num processo onde se transforma a matéria da cultura, transformando-se a própria cultura.

A Literatura é uma forma de arte. Ela trabalha com um instrumental específico, que é a palavra. Ela parte de um mundo referencial, convencionalmente nomeado e estereotipado.

Reconstrói, reelabora esse mundo, reelaborando e reconstruindo a linguagem. Em qualquer conceituação que se procure dar, é preciso que se esclareça que a Literatura, como duas faces de uma língua, é significado e significante. Ela é a reelaboração de um mundo referencial e de sua linguagem. Como reelaboração do mundo e do seu código verbal, a produção literária acaba por extrapolar os limites históricos de seu contexto.

A História é também construção do homem. É um processo onde uma etapa sucede a outra, uma etapa se constrói na outra, sem nunca atingir o apogeu.

Todas as épocas se caracterizam pela tridimensionalidade do tempo: têm o passado presente para a construção do futuro. É na História que o homem se realiza. Por isso, "não é a História que é trágica, mas o trágico está na História; não é absurda, mas é o absurdo que nasce da História; não é cruel, mas as crueldades são cometidas na História; não é ridícula, mas as comédias se encenam na História"¹³.

(13) KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1969. p. 217.

O estudo da obra literária há que ter em conta, portanto, a arte e a História. Há de se preocupar com a estrutura ideológica, social, histórica de que a obra faz parte, e que ela transforma em arte. Há de se preocupar com as relações da produção literária com a História, entendendo que essas são relações que servem tanto para ligá-la à História como para fazê-la distanciar-se dela.

ABSTRACT: The author preoccupied with the relation of literary production with that of history, analysis the work of Pepetela (Angolan writer): *Mayombe*, taking into account the role of an intelectual as expression and transformer of culture. "Reconstruct, reelaborate this world, reelaborating and reconstructing the language".